

## Exaltação Patriótica e Incapacidade Realizadora

Discurso do professor DIOGO ALVES DE MELO,  
paraninfo dos engenheirandos de agronomia  
de 1947, na solenidade de colação de grau.

Com poucas exceções, tem sido praxe das turmas que se formam, escolher para paraninfo pessoas estranhas ao Estabelecimento, ilustres e de projeção nacional. Quisestes uma vez mais quebrar essa praxe, escolhendo para a honrosa incumbência de vos paraninfo, o mais antigo dos vossos professores.

Ainda que, por temperamento, evitando sempre colocar-me em evidência, foi prazerosamente, no entanto, meus caros paraninfos, que de pronto aceitei o vosso convite, procurando, desta maneira corresponder à espontaneidade de vosso jesto fidalgo e à sinceridade de vossa amizade. A vossa homenagem me comove profunda e sinceramente e me faz transbordar de inexcedível contentamento.

Todos nós somos sensíveis aos jestos de gratidão, e o vosso é para mim um poderoso estimulante, que me dá força e coragem para prosseguir com redobrada dedicação e patriotismo, na missão nobre de preparar técnicos capazes para a carreira que é a base de todas as outras e a mais útil das profissões — a Agricultura. Sinto-me plenamente recompensado pelos esforços de longos anos despendidos neste Estabelecimento, no preparo de numerosos rapazes dedicados, que se acham trabalhando através de todo o nosso imenso território. Os meus profundos e sinceros agradecimentos vão muito além do que é possível expressar em palavras.

A vossa formatura e o vosso ingresso na vida prática coincidem exatamente com o período mais angustioso por que tem passado a nação. A escassez de braços, o desconhecimento dos métodos racionais de produção, o rápido empobrecimento dos solos, o aparecimento de pragas e doenças que dizimam os rebanhos e as culturas, determinam uma queda brusca e acentuada na produção dos meios de subsistência.

A ciência aplicada à agricultura desenvolve-se a passos largos, eleva-se de ano para ano o número dos formados em agricultura e a produção cai de modo alarmante. As causas são diversas, algumas de fácil e outras de difícil ou impossível solução. Seja como for, a nossa penúria de meios de vida é um desafio à capacidade de organização e trabalho dos brasileiros, e em particular dos agrônomos, que até o presente pouca influência têm exercido no melhoramento de nossa agricultura.

Não é de modo algum porque lhes falte competência, abnegação, idealismo e espírito de trabalho. A falta de organização, o nosso maior mal, quase nunca depende dos agrônomos, mas de outros poderes, que tudo entravam. As batalhas decisivas da produção, que deviam ser conduzidas pelo Ministério e Secretarias de Agricultura através de seus técnicos, são frequentemente entravadas pelos políticos desonestos e ávidos de posições que lhes satisfaçam a vaidade pessoal. Não há uma preocupação, um ideal nobre pelo interesse geral; as populações rurais apenas recebem promessas vãs por ocasião das eleições, para, logo após, permanecerem no mais completo esquecimento, enquanto nas capitais os pseudo representantes do povo e salvadores da Pátria esbanjam a renda pública e discutem interminavelmente, futilidades de interesse pessoal, sem a menor preocupação pelo povo e seus problemas básicos. Se não nos alertarmos em tempo e orientarmos a nossa agricultura noutros rumos, caminharemos rapidamente para a ruína, a humilhação, que já ronda as nossas portas, e as gerações futuras empenharão o que ainda resta de nossa soberania.

Adotamos, ensinamos e praticamos por longos anos uma agricultura teórica e empírica, que, pouco a pouco, vamos deixando para trás. O número dos nossos formados é ainda muito reduzido para que a sua influência se faça sentir de modo mais acentuado na produção agrícola, mas, com os novos elementos que as escolas de agricultura vão preparando, esperamos ter um número suficientemente grande de agrônomos competentes e trabalhadores, cuja ação concorrerá para a nossa prosperidade.

Para debelar a tremenda crise que ora nos assola, convocam-se reuniões, organizam-se comissões, concertam-se planos grandiosos e inexequíveis, gastam-se verbas e a produção decresce, o país empobrece, a peste suína e a aftosa dizimam os rebanhos, a broca do café, os gafanhotos, a saúva destroem as riquezas vegetais do país, sem que qualquer medida de efeito prático e eficaz seja tomada. Grande parte do mundo sofre as agruras da fome, e nós, país vasto e de pequena população, para quem o mundo sofredor olhava com esperança de obter os produtos necessários para mitigar-lhe a fome, debatemo-nos no meio de uma crise jamais evidenciada na nossa história.

Não sou pessimista, não vos estou pregando pessimismo, não sou daqueles que consideram tudo perdido; acredito sinceramente nas nossas possibilidades materiais e humanas. Criticar não é crime; crime é ocultar a verdade, é deixar de apontar as nossas realidades, os problemas que temos de enfrentar e resolver.

Mesmo com os obstáculos naturais a nos entravarem a produção, poderíamos viver fartos e prósperos e ainda ajudar a suavizar a fome dos países superpovoados e devastados pela guerra, se tivéssemos organização e trabalhássemos. Entretanto, o que observamos é exatamente o contrário; importar trigo, que por motivos ecológicos não podemos produzir suficientemente para suprir todas as nossas necessidades, é compreensível e razoável, mas importar banha de porco, manteiga e outros produtos alimentícios, é humilhação, é suprema vergonha, é confessar, entim, a nossa inferioridade para organizar e executar. Um povo que é incapaz de resolver a maioria dos seus problemas básicos e que vive eternamente a esmolar às portas das nações que se enriqueceram à custa de trabalho contínuo e persistente, é um povo que vai pouco a pouco perdendo o brio, a compostura; é confessar, enfim, uma inferioridade que não existe, é perder o senso de povo livre, altivo e soberano.

Não temos confiança em nós mesmos, somos vítimas a um só tempo de dois complexos contraditórios: o da exaltação patriótica e o da incapacidade realizadora. Orgulhamo-nos exageradamente de tudo quanto diz respeito ao nosso país, mas nos julgamos incapazes de resolver os seus problemas fundamentais. Precisamos aprender a curar os nossos próprios males e para isso não nos falta nem inteligência, nem capacidade e nem recursos materiais ou humanos. O que precisamos é confiar em nós mesmos e não no auxílio direto ou indireto que outras nações nos possam trazer. Devemos enfrentar honestamente e com resolução os problemas básicos que nos confrontam.

Trata-se, por ventura, de um caso perdido? Somos um povo sem ideal e sem patriotismo? Inferior e incapaz? São os nossos agrônomos meros candidatos a empregos públicos, onde, em geral reina o comodismo, a falta de ideal nobre e sadio, onde campeia o interesse particular, o parasitismo e a deshonestidade? Estaremos destinados a ser eternamente colonos de banqueiros estrangeiros, confiando sempre nas falsas e vagas asserções de país mais rico do mundo, solos ubérrimos, etc?

Não somos um povo inferior e incapaz. O notável agrônomo, educador, fundador desta Escola e seu primeiro diretor, Dr. P. H. Rolfs, falando certa vez aos alunos desta Casa, dissera que a sua longa experiência com estudantes norte-americanos e brasileiros, dava-lhe credenciais para afirmar que os nossos rapazes não são, de modo algum, inferiores aos americanos, sendo, pelo contrário, tão inteligentes, capazes e trabalhadores quanto aqueles. Tudo se equaciona em simples questão de organização, educação e disciplina. A minha própria permanência de onze anos conse-

cutivos nos Estados Unidos, como estudante, professor e trabalhador, autoriza-me à confirmação plena das palavras do Dr. Rolfs.

Com referência às nossas inesgotáveis riquezas e inigualável fertilidade de nossas terras, cousas falsas que aprendemos nos compêndios de geografia, asseguramos que foi confiado nessa falsa e errônea suposição que os nossos governos contrairam numerosos empréstimos, empregados, muitas vezes em atividades não produtivas e até desonestamente, empréstimos esses que continuam a onerar as gerações futuras e a desacreditar o país pelo não cumprimento de seus compromissos.

Em agricultura, o que fizemos até agora foi devastar extensos trechos de nossas matas e transformar a camada fértil de nossas melhores terras em verdadeiras taperas, praticando uma agricultura irracional e instável.

O Sr. William Voght, que passou 15 anos estudando o problema do manejo das terras e recursos naturais dos países latino-americanos, afirma que a fabulosa e tão propalada riqueza dos solos desses países é, em grande parte, um mito e, a menos que haja mudança radical no uso dos solos, esses países, em maior ou menor escala, caminham para uma bancarrota não muito remota, e que atualmente se observa um acentuado decréscimo nos padrões de vida desses povos em consequência da diminuição da produção e do aumento das populações.

Esta verdade nos defronta a cada passo quando percorremos as nossas zonas de culturas, especialmente as velhas regiões cafeeiras.

Meus amigos: Errar é humano, diz o velho provérbio latino, mas é tempo de reconhecer os nossos erros e corrigi-los. É tempo de saber que o problema da produção não se faz com planos impraticáveis, elaborados pelos teóricos do asfalto, que das nossas reais necessidades possuem apenas idéia vaga. O povo que não quer mais acreditar no êxito das iniciativas oficiais porque elas tem quase sempre sido um fracasso. Uma coisa é planejar, outra é executar. Com efeito, não é cantando as grandezas de nossa terra que faremos produzir e prosperar; não é com discursos balofos que a engrandeceremos: precisamos ser práticos e reais; somente com o trabalho proficuo e persistente alcançaremos a nossa grandeza. Tudo mais é falso e apressará a nossa derrocada. Devemos amar a terra onde nascemos; a pátria deve ser, em todas as ocasiões o objeto primordial de nossas aspirações: o homem só se engrandece verdadeiramente quando agradece a sua pátria. O trabalho e o amor à terra são necessários para sermos fortes e independentes, e essa independência torna os povos livres. Esta é a nossa pátria, onde vivemos e onde viverão os nossos descendentes; para nós ela é a melhor do mundo e não desejamos outra, mas não seremos bons patriotas, bons cidadãos se não trabalharmos para engrandecê-la. De fato, não é procurando pretextos para mais alguns feriados, fazendo paradas, pronunciando discursos bombásticos e vazios, cantando grandezas que não existem, que seremos prósperos, felizes e soberanos. Patriotismo é produzir, é engrandecer a pátria com o trabalho porque somente ele é capaz de conseguir esse objetivo. Um cidadão que engorda um porco ou cria um bezerro é muito mais patriota que o politiqueiro que apenas fala em patriotismo, mas que nada faz para elevar sua pátria.

Ingressais na vida prática numa época de grande responsabilidade e a nação muito espera de vós. Tereis de resolver muitos problemas práticos e de interesse econômico para o povo, sendo o mais importante deles a produção dos meios de vida; precisamos nos libertar da mentalidade retrógrada de "Estado Providência", esperando tudo dos seus esforços e recursos, como se estes não fossem também limitados.

Trabalhando em suas propriedades ou ocupando cargos públicos, encontrareis sempre os incrédulos e pessimistas que, não satisfeitos com sua própria desgraça, procurarão vos infeccionar com sua mentalidade mórbida. Nos empregos públicos encontrareis numerosos parasitas do tesouro público, a falta quase absoluta de ideal; substituído por pessimismo, incredulidade e desorganização. Para combater esses males que nos desgraçam; é necessário que nos unamos, que cooperemos, que sejamos fortes,

não pe  
e a vos  
A hum  
e um c  
símbolo

o espíri  
ideais;  
em vida  
humani  
te; não  
mundo.  
gai-vos  
a imens  
o bem

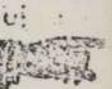
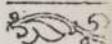
desorga  
remos  
Lá fora  
nossos  
pelos n  
de fazer

útil carr  
gação. (I  
dever. I  
com a v  
por ond  
o vosso

interesse  
se nem  
dos vos  
triunfad

paraninf  
outros j  
pronto

emprega  
lealdade  
melhor,



782

401121

não permitindo que o desânimo e o pessimismo se apoderem de nós. A vossa força e a vossa ação se farão sentir como tudo que tem vida, sem interrupção e sem fim. A humanidade procura, através de todos os tempos, o homem que seja um emblema e um exemplo, o mais vigoroso de todos, que trabalhe com ardor, para dele fazer o símbolo de seu senso moral.

O ceticismo é um tóxico perigoso, dissolvente e traiçoeiro, que desintegra o espírito. O grande educador Ingenieros disse: "Sem entusiasmo não se servem a belos ideais; sem audácia não se acometem empresas honrosas. Um jovem cético está morto em vida, para si mesmo e para a sociedade" Pasteur, o sábio e grande benfeitor da humanidade disse: "Não vos deixeis desencorajar pelo ceticismo carcomido e degradante; não vos deixeis desencorajar pela tristeza de certas horas que passam sobre o mundo. Vivei na paz serena dos laboratórios, dos campos e das bibliotecas. Interrogai-vos diariamente a vós mesmos: que produzi eu para o meu país? Até que tenhais a imensa felicidade de pensar que contribuistes de alguma sorte para o progresso e o bem da humanidade".

Jamais nos conformaremos com a pecha de povo inferior, de povo colonial, desorganizado, e incapaz de reagir. Não nos falta inteligência e capacidade. Resolveremos os nossos problemas fundamentais se formos bem intencionados, probos e leais. Lá fora não seremos conhecidos pelos nossos planos teóricos e impraticáveis, pelos nossos discursos de grandeza, que já não mais impressionam. Seremos conhecidos pelos nossos feitos úteis e duradouros. Não devemos desdenhar da nossa capacidade de fazer e tenhamos confiança em nós mesmos.

Meus caros amigos: Tendes todas as qualidades necessárias ao sucesso na útil carreira que abraçastes—inteligência, coragem, ideal, preparo e espírito de abnegação. O país conta convosco, e ficará decepcionado se não cumprirdes com o vosso dever. Enfrentai a luta resolutamente; ide por todo este vasto solo pátrio, iluminando com a vossa inteligência e com o vosso espírito de trabalho e de abnegação, o caminho por onde andardes. Sois apenas um punhado, mas outros se ajuntarão a vós até que o vosso número seja bastante elevado para influir beneficentemente nos destinos da Pátria.

A vossa Escola e os vossos mestres vos estarão observando com marcante interesse. O vosso sucesso proporcionará alegria e regosijará os que aqui ficamos. E se nem tudo vos sorrir bem, não há porque desanimardes. Insisti e procurai valer dos vossos recursos e da experiência dos que estejam triunfando ou mesmo já tenham triunfado.

Que o desânimo jamais se apodere de vós e o vosso mestre e amigo, o parainfo de vossa festa, aqui permanecerá para preparar com abnegação e idealismo outros jovens que seguirão vossos passos e o caminho por vós iluminado, sempre pronto para vos aconselhar quando dele necessitardes.

Agora permiti um conselho:

Guiai-vos pelo lema dos clubes agrícolas das crianças americanas: "Prometo empregar a minha cabeça para pensar com mais clareza; o meu coração para maior lealdade; as minhas mãos para trabalho mais intenso, e a minha saúde para uma vida melhor, para a comunidade e para a minha Pátria."



ÓCULOS SOB MEDIDA ?

FOTO-ÓTICA "VINCENZO"